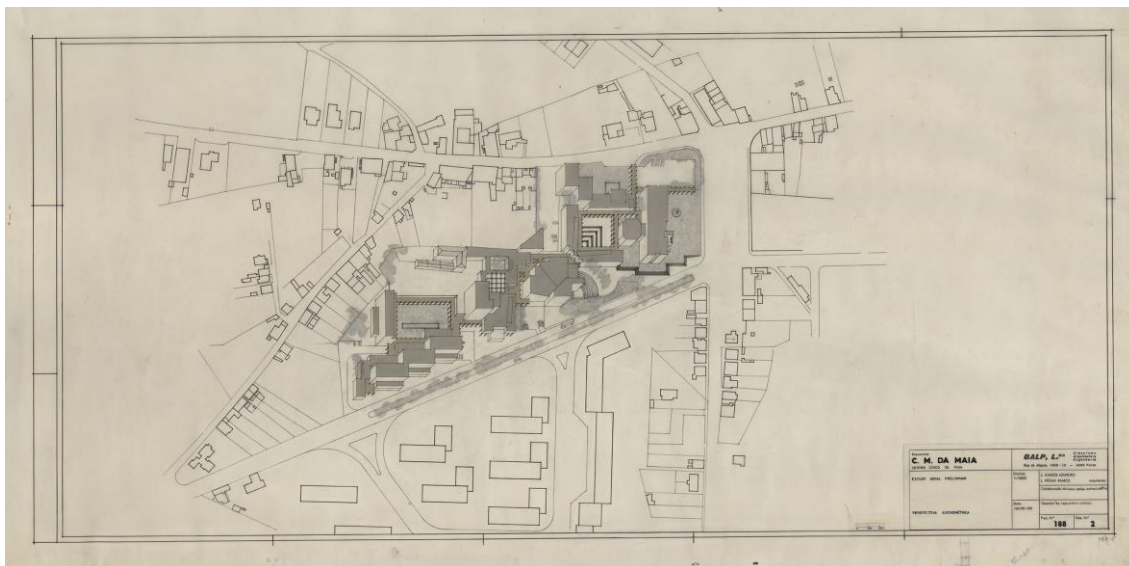


CENTRO CÍVICO DA MAIA



Centro Cívico da Maia: Estudo geral preliminar, perspectiva axonométrica; 54x110 cm; original tinta preta sobre papel vegetal; julho 1980; Esc.: 1/1000. FIMS/JCL/0188-pd0005

A construção da cidade tem na sua essência o propósito de definir e organizar o espaço urbano sob a expressão do progresso da humanidade, sobretudo devido à evolução social e intelectual. O fenómeno da vida urbana é o reflexo dessa evolução, determinando a complexidade, a diversidade e a identidade da forma da cidade. Podemos referir que a arquitetura é uma constituinte significativa da forma urbana e é, também, indissociável da vida urbana, pois nela se desenvolvem e estruturam a maioria das atividades na cidade.

Nos últimos quarenta e cinco anos a Maia tem vindo a afirmar e a consolidar a sua urbanidade através de um processo estratégico onde, de facto, a arquitetura tem desempenhado um papel significativo, nomeadamente através da qualidade formal de vários edifícios e espaços públicos. A área envolvente à sede administrativa do concelho é um exemplo da preocupação em constituir-se uma ideia de centro de cidade-território. Nesta circunstância, o Centro Cívico da Maia foi e é, sem dúvida, um objeto determinante para a organização e hierarquização desta área.

O Centro Cívico foi significativo para o processo de consolidação de uma estratégia urbana de representação da cidade e do seu centro, uma vez que o projeto se iniciou ainda nos anos 70. A encomenda procurava introduzir um grande equipamento cultural e de serviços, no grande terreno anexo ao novo edifício da Câmara Municipal, capaz de estruturar o espaço entre a Rua Padre António (a poente), a Rua Eng.º Duarte Pacheco (nascente) e a Rua Dona Deolinda Duarte

dos Santos (norte). O projeto dos arquitectos José Carlos Loureiro e Luís Pádua Ramos mostrou-nos como essa vontade inicial da encomenda se materializou.

A visão dos arquitectos, sustentada por um extenso processo de projeto desenvolvido ao longo de cerca de duas décadas, foi, ela própria, premonitória quanto ao fenómeno da vida urbana que, entretanto, se constitui no centro da Maia. A forma construída do edifício, para além das importantes funções que servem de suporte significativo à programação cultural da cidade, teve a apetência de integrar na sua dimensão física um desenho criterioso para o espaço não edificado, sobretudo o espaço público envolvente, através de uma composição volumétrica cuidadosamente fracionada e articulada com praças, jardins e percursos pedonais cobertos. É esta orgânica construída que tem vindo a demonstrar-se determinante para as vivências emergentes durante os últimos vinte anos naquela área. Podemos referir, portanto, que o processo de projeto do Centro Cívico da Maia é a demonstração de um saber projetar um equipamento relevante que, para além da abordagem à dimensão funcional e construtiva, mostra como essa ontologia pragmática da arquitetura potencia a vida entre os edifícios, qualificando a forma urbana ao estruturar o(s) lugar(es) da cidade.

Nuno Antunes Lopes e Sérgio Amorim